



## IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO – UM ESTUDO COM IMAGENS DA CULTURA VISUAL NAS AULAS DE ARTES VISUAIS

Fabiana Lopes de Souza  
UFPEL

### Resumo

Este artigo parte de uma pesquisa em andamento (PPGAV/UFPEL), a qual objetiva investigar as percepções, os sentidos e a construção de identidades de educandos em contato com as imagens da cultura visual contemporânea. As referências fundamentais são: Hernández (2000; 2007), que aborda a importância do trabalho com as imagens da cultura visual na escola e Hall (2005), que trata das questões de identidade cultural na perspectiva de um mundo pós-moderno. A conclusão parcial é que as atividades de Artes Visuais promoveram uma educação estética dos alunos por meio das visualidades vivenciadas por estes em sala de aula.

**Palavras-chave:** Cultura visual. Ensino de Artes Visuais. Identidade. Pós-modernidade

### Abstract

This article is based on an ongoing study (PPGAV/UFPEL), which aims to investigate the perceptions, the senses and the construction of learners' identities in contact with images of contemporary visual culture. The fundamental references are: Hernández (2000 ; 2007), which addresses the importance of working with images of visual culture at school and Hall (2005), which deals with issues of cultural identity in the context of a post-modern world. A partial conclusion is that the Visual Arts activities promoted an aesthetic education of students through the visual arts experienced by them in the classroom.

**Keywords:** Visual Culture. School of Visual Arts. Identity. Postmodernity

879

### 1 Cultura Visual e identidade na pós-modernidade

Na atualidade, os meios de comunicação de massa e o universo visual nos invadem cotidianamente, influenciando em nossa subjetividade e na construção de identidades. Com isso, destaca-se a necessidade dos estudos sobre a cultura visual para uma melhor compreensão do mundo globalizado em que vivemos.

A cultura visual é um campo estudos multidisciplinar que abrange não só as artes, mas também outras áreas de conhecimento como: a sociologia, a psicologia, a antropologia, entre outras. Para Martins, a cultura visual se configura como um campo amplo,

múltiplo, em que se abordam espaços e maneiras como a cultura se torna visível e o visível se torna cultura. Corpus de conhecimento emergente, resultante de um esforço acadêmico proveniente de Estudos Culturais, a cultura visual é considerada um campo novo em razão do foco no visual com prioridade da experiência no cotidiano (2005, p.135).

Os estudos referentes à cultura visual nas artes vão além das visualidades artísticas, procurando investigar também as imagens produzidas pela mídia e todas as provenientes da vida cotidiana. "Buscar exemplos na cultura que nos cerca tem a função de aprender a interpretá-los a partir de diferentes pontos de vista e favorecer



a tomada de consciência dos alunos sobre si mesmos e sobre o mundo de que fazem parte” (HERNÁNDEZ, 2000, p.30).

As percepções e sentidos atribuídos às imagens e objetos da cultura visual apresentam na maioria das vezes distinção entre as qualidades estéticas e o que estes estão representando realmente.

Para a compreensão da cultura visual é necessário estar atento aos diferentes tipos de representações visuais de diferentes culturas. O trabalho do professor de Artes Visuais, para uma compreensão crítica dos estudantes em contato com a cultura visual, deve contemplar as experiências dentro e fora da sala de aula. De acordo com Hernández, as estratégias de compreensão vêm de diferentes manifestações da cultura visual

[...] não só dos objetos considerados canônicos, mas sim dos que se produzem no presente e aqueles que fazem parte do passado; os que se vinculam à própria cultura e com as de outros povos, mas ambas desde a dimensão de ‘ universo simbólico’; os que estão nos museus e os que aparecem nos cartazes publicitários e nos anúncios; nos videoclips ou nas telas da internet; os realizados pelos docentes e pelos próprios alunos (2000, p.50).

O estudo das visualidades das diferentes culturas e em diferentes épocas deve auxiliar os estudantes a decodificarem os símbolos e signos presentes nestas visualidades e terem uma melhor percepção sobre o mundo ao qual estão inseridos. Segundo Hernández, a cultura visual contribui

para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos [...] (2000, p.52).

As pessoas são influenciadas quanto à construção de suas identidades, e a cultura visual acaba transmitindo valores e interferindo nas subjetividades das pessoas.

Uma educação baseada nas imagens da cultura visual deve levar em conta as experiências visuais dos estudantes, ajudando-os na compreensão destas visualidades sem interferir nas suas preferências e gostos por determinados objetos e/ou artefatos visuais.

De acordo com Hernández, o propósito da compreensão crítica

e performativa da cultura visual é procurar não destruir o prazer que os estudantes manifestam, mas “explorá-lo para encontrar novas e diferentes formas de desfrute”, oferecendo aos alunos possibilidades para outras leituras e produções de “textos”, de imagens e de artefatos (2007, p.71).



O professor de Artes Visuais será mediador e facilitador no processo educativo com o estudo das imagens da cultura visual, ajudando o aluno a adquirir novos conhecimentos, podendo este atribuir novos sentidos e significados às visualidades presentes na vida cotidiana.

As imagens são importantes para promover o olhar crítico e estético dos estudantes, desde as reproduções de obras de Arte do passado até as imagens midiáticas que nos invadem com seus anúncios do que é bom, de como devemos ser, nos comportar e nos vestir. De acordo com Hernández, é necessário recordar

que uma das maneiras mais notórias pelas quais as mídias, as representações e as práticas da cultura visual posicionam crianças e jovens é através dos “textos” da cultura popular, em particular dos que tendem a criar identidades de etnia, gênero, sexo e consumidor (2007, p.74).

Na pós-modernidade, imagens da mídia e de consumo são frequentes, influenciando-nos muitas vezes sem que possamos perceber. Nossas identidades vão se construindo e se modificando através das relações que estabelecemos com este universo visual e também da inter-relação com as outras pessoas. O acesso às mais variadas imagens se dão pelos meios de tecnologia de informação e comunicação.

Para Hernández, “[e]m um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação (as artes visuais como tais), nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências críticas reflexivas” (2007, p.25). Além do estudo das imagens da cultura visual contemporânea nas aulas de Artes Visuais, os estudantes poderão compreender o quanto estas imagens podem influenciá-los sobre seus comportamentos e na construção de suas identidades.

Neste processo de educação a partir da cultura visual o professor de Artes deve considerar as experiências que os estudantes trazem para a sala de aula, pois como aponta Hernández,

[os] alunos são o resultado de contextos socioculturais concretos e de épocas históricas que representam um determinado tipo de valores. Eles têm acesso à escola com uma identidade, uma biografia em construção, baseada em suas experiências de gênero, etnia e classe social e com uma série de noções sobre a autoridade e o saber. Trazem consigo não apenas conhecimentos, mas construções da sociedade e de si mesmos, baseadas em suas experiências socioculturais anteriores (2000, p.141).

Quando os estudantes entram para a escola carregam junto seus conhecimentos fora dali, tudo aquilo que foi adquirido em seus contextos socioculturais, o que é vivido em seus cotidianos e o que já foi construído em com base nestes conhecimentos.



Os temas da cultura visual a serem trabalhados nas aulas de Artes Visuais devem ser bem selecionados pelo professor a fim de fazer sentido tanto para este quanto para os alunos, “[ao] se propor ou escolher um tema, ou uma questão de problematização relacionada à cultura visual, é necessário analisar sua relevância e influência na vida dos alunos” (HERNÁNDEZ, 2007, p.82).

As imagens se propagam por diversos meios, a proliferação destas está presente na vida cotidiana dos alunos. Em casa as imagens se apresentam por meio da TV, da Internet, dos jogos eletrônicos e também dos mais variados produtos de consumo, desde as embalagens de alimentos industrializados até a decoração dos quartos das crianças e adolescentes. Na escola, imagens de personagens estão estampadas nas paredes e corredores, nos materiais escolares e no vestuário dos alunos.

Imagens e objetos atraem e seduzem através de suas representações, cores, texturas, formatos e até mesmo por suas “marcas”, é o caso das roupas, acessórios, entre outros. Estes acabam mostrando as pessoas o que seria uma maneira idealizada de SER e de como pode se constituir a relação com outras pessoas e com o mundo, influenciando na construção de identidades.

De acordo com Cunha, “TER, compartilhar os mesmos significados, significa SER”. A autora diz ainda que nos tornamos alguém

porque nos apropriamos de determinados códigos culturais, sejam roupas, tipo de cabelo, marca de carro, cigarro e, ao SERMOS alguém, detentores de códigos específicos que DIZEM sobre o que e como somos, estamos constituindo nossa identidade numa interação amalgamada com estes artefatos. De certo modo, os objetos nos representam, nos tornam visíveis ao mundo (2008, p. 125, grifos da autora).

A mensagem que é transmitida através do consumo e obtenção de determinados objetos e artefatos visuais, é de que as pessoas se tornam pertencentes a específicos grupos sociais no momento em que compartilham destes artefatos e de seus significados e práticas culturais.

Estas questões reforçam ainda mais a ideia do quanto é importante o trabalho pedagógico das imagens e artefatos da cultura visual contemporânea nas aulas de Artes Visuais, onde o professor ajudará os alunos a entender como e porque certas influências são construídas,

a desenvolver uma compreensão crítica em relação às representações da cultura visual e, sobretudo, a vivenciar e apreender um sentido de discernimento e autocrítica. Como perspectiva educativa, a cultura visual pode propiciar aos alunos e professores oportunidade para discutir e se posicionar sobre os dilemas morais, sociais e éticos que afligem e demandam a atenção das sociedades contemporâneas (MARTINS, 2011, p.21).



O professor será o mediador na compreensão e posicionamento crítico dos alunos em relação aos artefatos visuais, no que se refere ao contexto em que foram produzidos, as diferentes culturas e valores, assim como as relações de poder e construções de identidades na contemporaneidade.

O indivíduo constrói sua identidade através de informações, experiências e das inter-relações com os outros. O processo de identidade se dá através das vivências de cada pessoa em seu meio social: família, escola, amigos, entre outros grupos. Segundo Medeiros as marcas de semelhanças

colhidas nas categorias e grupos de pertencimento vêm a ser condição indispensável à construção da identidade individual. O comportamento individual não pode ser, portanto, entendido sem que seja levado em conta o comportamento coletivo (2008, p.43).

A construção da identidade é diretamente relacionada com a vida em sociedade envolvendo crenças, valores e representações em um processo de identificação com um grupo.

Para Hernández, indivíduos que nascem em uma mesma cultura, aprendem e constroem comportamentos e atitudes afins. “A identidade é dada culturalmente e se apresenta como naturalizada e estável, oferecendo elementos de discriminação em relação a grupos com afinidades de gênero, etnia, religião ou pátria” (2007, p.72).

O excesso de informações e o consumo de produtos é um dos fatores que age diretamente nas possíveis mudanças que ocorrem na construção de identidade de uma pessoa, e esta se dá através de um processo de formação contínua, ao longo do tempo e das experiências adquiridas. A produção de identidades se dá “a partir de um processo relacional em que se demarcam as diferenças” (GIOIELLI, 2005, p.45). Ou seja, não existe um ideal de identidade, a diferença entre os sujeitos é necessária para a construção identitária.

Com o surgimento da globalização e o processo de descentralização das identidades (crise de identidade), as sociedades pós-modernas começaram a passar por mudanças constantemente, o que às difere do passado, das sociedades tradicionais. Segundo Giddens apud Hall (2005), nas sociedades tradicionais

o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência das gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (p.15)



A pós-modernidade é caracterizada pelas mudanças sociais, pelas identidades que não são fixas e sim fragmentadas, e pelas diferentes formas de viver.

É importante ressaltar que um dos mecanismos de identificação e de pertencimento de uma pessoa é a sua nacionalidade. A cultura nacional produz sentidos e contribui na construção de identidades.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso- um modo de construir sentidos que influencia e organiza nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2005, p.50).

Embora a cultura nacional seja a responsável pelas concepções de um sujeito, estas acabam se deslocando diante dos processos de socialização e de globalização dos meios de comunicação e informação. “Colocadas acima do nível de cultura nacional, as identificações “globais” começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais” (HALL, 2005, p.73, grifos do autor).

O mundo contemporâneo é intensamente marcado por imagens, objetos e produtos de consumo, estes por sua vez atraem e chamam a atenção de crianças, adolescentes e adultos que acabam passando por um processo de identificação com os mesmos.

De acordo com Hall, quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos,

lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam-desvinculadas-desalojadas-de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”(2005, p.75).

Objetos e artefatos visuais estão diretamente ligados à formação identitária de adultos, adolescentes e crianças, onde a influência para a obtenção dos mesmos é estimulada diariamente através de anúncios, propagandas e outros meios de comunicação passando a fazer parte da vida das pessoas. Segundo Kaminski, a identidade do sujeito é constituída a partir

das suas relações com o meio que o cerca. Nessa vertente, o consumo está presente diariamente, integrando-se nesse ciclo. Valendo disso, as marcas constroem suas identidades de acordo com que o consumidor almeja, a fim de complementá-lo (2010, p.38).

As pessoas estabelecem relações com as imagens presentes em seu cotidiano, formando suas identidades através das influências que estas visualidades lhes causam.



Hernández aborda a importância do contexto onde se está inserido e a formação de identidade, pois para o autor, o contexto “[...] é o que faz com que se produza um discurso, entendido como formas de falar, de ver, de pensar e comportar-se que tornam possível reconhecer-se e ser reconhecido pelos outros” (2007, p.72).

Através do estudo das imagens da cultura visual contemporânea nas aulas de Artes Visuais é possível analisar como estas visualidades presentes no cotidiano dos alunos podem interferir na formação de suas identidades.

### 1.1 Uma pesquisa com imagens

Para esta pesquisa, foram coletados dados referentes a um projeto de ensino desenvolvido em duas turmas de quinto ano do ensino fundamental, as quais ministro aulas. Este trabalho tem uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, em que imagens e textos produzidos pelos alunos deverão ser analisados e fundamentados com base nos referenciais teóricos.

As técnicas de coleta de estudos de caso envolvem: observações, entrevistas, análise de documentos, anotações, “mas não são as técnicas que definem o tipo de estudo, e sim o conhecimento que dele advém” (ANDRÉ, 2005, p.16).

Como encaminhamento de pesquisa, elaborei em junho de 2014, um projeto-piloto, no qual a proposta foi de que os alunos fizessem desenhos de si mesmos, autorretratos. Após o desenho deveriam fazer intervenções, com colagens de imagens de revistas.

Na figura 1, apresento o trabalho de autorretrato realizado por uma aluna.



Figura 1: Autorretrato e interferências, aluna A  
Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2014



Nota-se que para fazer a interferência em seu trabalho, a aluna A<sup>1</sup> utiliza diversas imagens da cultura visual contemporânea, entre estas imagens encontram-se: tablets, câmeras digitais, celulares, perfumes, entre outros. Esses produtos são anunciados diariamente pelos meios de informação e comunicação, atraindo as pessoas ao consumo dos mesmos e fazendo com que estas passem por um processo de identificação com estes objetos. De acordo com Kaminski, o consumo está presente no cotidiano

da sociedade contemporânea,

independentemente da sua intensidade. É possível observar a maneira como este ato, aparentemente comum, atua e age diretamente na formação de grupos, modificando culturalmente a sociedade. Vale lembrar que o consumo é estimulado por estratégias enunciativas de marketing e comunicação que são articuladas para que as marcas consumidas sejam inseridas na vida dos consumidores de tal forma que cheguem a influenciar a formação de suas identidades (2010, p.34).

Além do consumo, os objetos e produtos proporcionam às pessoas um sentimento de pertencimento a um grupo social: família, amigos, colegas de escola. Desta forma, percebi que a aluna utiliza muitas imagens da cultura visual contemporânea, de objetos que são frequentes no ambiente escolar.

Na figura 2, apresento o trabalho de um aluno, no qual ele justifica o “porquê” da escolha por tais imagens “[...] gosto de celular, porque posso mexer no *Facebook*<sup>2</sup> [...] porque posso ligar para alguém e jogar [...]”



Figura 2: autorretrato e interferências, aluno B  
Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2014

<sup>1</sup> Para a escrita deste artigo os alunos são identificados como: aluna A e aluno B.

<sup>2</sup> O *Facebook* foi criado no dia 4 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, alunos da Universidade de Harvard, é uma rede social que desde o início tem o objetivo de configurar um espaço no qual as pessoas possam encontrar umas às outras, dividindo opiniões e fotografias.





As escolhas dos alunos A e B estão conectadas às influências visuais do mundo contemporâneo no que se refere aos processos de subjetividade e construção de suas identidades. Mas, além disso, através destas visualidades os alunos estabeleceram relações com suas vivências cotidianas e com aquilo que lhes causa sentimentos de afeição.

Após este projeto piloto, no qual os alunos selecionaram imagens para a interferência em seus desenhos de autorretratos, solicitei a eles ainda que escolhessem objetos ou imagens presentes em seu cotidiano, em suas casas, e levassem para as aulas de Artes Visuais.

Para a realização do trabalho com os objetos, dei continuidade às atividades de autorretratos, atendendo ao desejo dos alunos. Foram tiradas fotos dos alunos em sala de aula e também foram utilizadas fotos do perfil do *Facebook* de alguns alunos, que serviram de base para a construção de seus desenhos de autorretratos.

A aluna A que selecionou as várias imagens de objetos e produtos de consumo na primeira atividade de autorretrato (fig. 1), quando foi solicitada a levar para a aula objetos de seu cotidiano, selecionou algumas fotos de sua família, demonstrando que seus interesses, seus afetos e suas percepções não se limitam apenas no que as visualidades contemporâneas lhe oferecem (fig.3).



Figura 3: Autorretrato e objetos, aluna A  
Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2014.

Em um breve relato sobre sua escolha pelas fotos, a aluna A descreve: “Para mim a família é muito importante, amorosa e divertida, amo minha família, meus amigos, são as pessoas mais importantes”.

O mesmo acontece nas escolhas do aluno B, que selecionou para a atividade, fotos de seus animais de estimação (fig. 4).



Figura 4: Autorretrato e objetos, aluno B  
Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2014


O aluno B, quando questionado sobre as lembranças que traziam as fotos escolhidas por ele (animais de estimação), respondeu: “Felicidade”. Em outra pergunta feita ao aluno B, sobre de quem ele havia ganhado os animais, ele diz: “Do meu pai”. E ainda, o que esta pessoa significa para você? Ele responde: “É o melhor pai do mundo”.

Os trabalhos dos alunos A e B chamaram minha atenção para o fato de que é possível realizar um trabalho que desenvolva as percepções e os sentidos dos alunos, trabalhando com objetos e imagens de seus cotidianos, de seus contextos e ainda contribuindo para uma educação estética.

Quando estão em contato com a variedade de imagens proporcionadas pelos meios de comunicação e informação, seja pelo computador, televisão, propagandas, revistas, entre outras, suas escolhas são muitas vezes influenciadas e direcionadas ao consumo por objetos e imagens que gostariam de ter e até mesmo ser. De acordo com Meira e Pilotto, a maneira como nos mostramos

é indissociável da forma pelas quais as coisas e os outros se apresentam para nós. A ação prática permite tecer microidentidades como parte de um micromundo. A expressão “conhecimento corporificado” depende das experiências que advêm do fato de ter um corpo, de ele ser dotado de diversas capacidades envolvidas no contexto biológico e cultural mais abrangente (2010, p.15).

Nesta pesquisa, quando os alunos foram solicitados a levarem para as aulas de Artes Visuais, imagens ou objetos seus, de suas casas, estes demonstraram que não estão limitados a sentimentos de afeição somente pelas imagens da cultura visual contemporânea, nem aquelas que os direcionam somente ao consumo. É possível pensar sobre isso, a partir de suas escolhas e relatos sobre as questões da importância da família e deste tipo de afetividade.



Outra coisa importante que se deu através desta atividade foi a motivação e a dedicação dos alunos ao construir seus desenhos de autorretratos a partir de suas fotos, estes ficaram muito felizes com o resultado de seus trabalhos e a proposta dada pela professora. Para Meira e Pilloto, tão importante quanto o afeto

é a forma de motivação apropriada pelos professores no contexto educacional, pois a motivação é também movida pela afetividade, cujas relações são construídas pelos interesses, pelos desafios, pelos impulsos, pelas emoções e por todos os sentimentos que são capazes de afetar/ tocar uma pessoa (2010, p.20).

As atividades realizadas nesta pesquisa, nas aulas de Artes Visuais, promoveram uma educação estética dos alunos por meio das visualidades vivenciadas por estes, desenvolvendo suas percepções e sentidos.

Essa pesquisa contribuirá para os estudos referentes às imagens da cultura visual, o ensino das Artes Visuais e a construção identitária dos educandos a partir das visualidades presentes em seu cotidiano.

### Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Maria Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Liber Livro, 2005.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **Cultura visual e infância**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Cultura%20visual%20e%20infancia.pdf>> Acesso em : 28 dez. 2014.


FREEDMAN, Kerry. Currículo dentro e fora da escola: representações da Arte na cultura visual. In: BARBOSA, Ana M. (Org.) **Arte/Educação Contemporânea- Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005. p.126-142.

GIOIELLI, Rafael Luiz Pompeia. Do sólido ao líquido: novas pistas para compreender a identidade. **Novos Olhares**- Edição 16 - 2º semestre de 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51415/55482>> Acesso em: 20 de julho de 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual - Mudança Educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual - proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.



INFOESCOLA. **História do Facebook**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/internet/historia-do-facebook/>> Acesso em: 18 jan. 2015.

KAMINSKI, Evelyse. Consumo: uma construção identitária cultural na sociedade contemporânea. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 11, n. 24, p. 31-38, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/comunicacao?dd1=3860&dd99=view&dd98=pb>> Acesso em: 20 de julho de 2014.

MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: OLIVEIRA, Marilda De Oliveira; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: editora UFSM, 2005. p.133-145.

MARTINS, Raimundo. Imagem, identidade e escola. In: **Salto para o futuro – Cultura Visual e Escola**. Ano XXI. Boletim 09 - Agosto, 2011. p. 15-21.

MEDEIROS, João Luiz. ELEMENTOS DE ANÁLISE PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES. In: MEDEIROS, João Luiz. (Org.) **Identidades em Movimento: Nação, Cyberspaço, Ambientalismo e Religião no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2008. P. 27-62

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

---

#### **Minicurriculo**

*Fabiana* é acadêmica do Curso de Mestrado em Artes Visuais (PPGAV/CA/UFPel). Especialista em Artes com área de concentração em Artes Visuais (2012) e Licenciada em Artes Visuais (CA/UFPel). Atuou como tutora à distância no Curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/CLEC/UFPel (2013/2014)